

PISO ANDANTE



Izabella Cunha Farace

PISO ANDANTE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Colegiado de Graduação em
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais

Habilitação: Artes Gráficas
Orientador : Prof. Vlad Eugen Poenaru

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2014



Calçada 1

04

07	INTRODUÇÃO
11	/PRIMEIROS PASSOS
18	/PAISAGEM COMO REGISTRO
18	ROTINA CAMINHANTE
24	LINHAS MAPEADAS
28	CALÇADAS
36	CALÇADOS
38	/PISOS GRÁFICOS
60	/ESTAMPA ANDANTE
62	BIBLIOGRAFIA

*Ao Professor Vlad Eugen Poenaru pelas orientações e suporte.
Ao meus pais, meu irmão, Yumi e Hélia pelo apoio e confiança.*

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como tema central meus deslocamentos andantes. Ao percorrer a pé, durante o dia, passo pelos mesmos lugares físicos. Devido a isso me nasceu a necessidade de modificar e criar alguns elementos na minha rotina, para que cada caminhada se tornasse nova, e assim saindo da monotonia. O percurso apresenta modificações em meu cotidiano, alterações na sua formação, como um obstáculo que surge na rua, calçadas quebradas, raízes de árvores crescendo além do chão, lixo exposto. Diferentes ações podem nascer e o mesmo caminho a ser percorrido rotineiramente torna-se cada dia diferente. Meu estado de espírito é um dos elementos que apresenta influência em minha percepção, interferindo na maneira de ver e relacionar as coisas. Com isso, realizei uma coleta durante alguns dias, registrando as linhas de percurso da minha casa até a Escola de Belas Artes (o trajeto que mais realizo durante a semana). Registrei essa prática em uma folha branca e uma caneta, onde transcrevo linearmente a minha direção. Assim, para cada novo percurso, uma nova e diferente linha gráfica é gerada que, sobreposta, desenha após desenhos, cria uma imagem mapeada com variados deslocamentos andantes. Cada imagem representa inúmeros dias caminhados, cada momento com a sua qualidade do provisório, relativo a diferentes situações.

Com os mapas de percurso em mente, comecei a criar e pensar um novo jeito de demonstrar essa rotina caminhante. Durante minhas caminhadas, registrei fotograficamente as diversas calçadas existentes pelo percurso: suas diferenciações, linhas, padrões. Cada imagem registrada, ao meu olhar, era vista como um mapa, onde o próprio chão realiza os seus caminhos, suas linhas fluentes nas rachaduras. Da mesma forma em que eu caminhava, o chão também criava seu trajeto: o tempo de uso de cada calçada, a maneira como os elementos diários interferiam na sua construção. Diante desses registros, transformei digitalmente essas imagens, usando mecanismos diversificados, como colagem, recortes, sobreposição, alteração de cores e texturas, criando assim variações gráficas dessas calçadas. Os pisos gráficos transmitem minha rotina caminhante de um jeito particular e mostram meu olhar sobre a mudança imaginativa que realizei em meus dias, com uma nova visão livre e abstrata.

Em cada imagem, há uma marca registrada do meu dia a dia, há mudanças diárias observadas durante o percurso, há meu caminho interligado com os caminhos das marcas da superfície do chão. São mapas de rotina andantes.





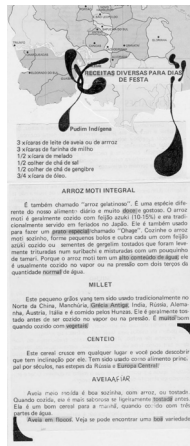
Pé Cristina - 2013

PRIMEIROS PASSOS

[memória artística, trajetória]

Minha relação com os pés vem desde pequena. Passei praticamente a minha infância descalça, e desde então, continuo com esse hábito quando possível. Gosto da liberdade que me é proporcionada, o contato imediato com o ambiente. Costumo caminhar com a cabeça inclinada pra baixo, o que me remete à visão dos meus pés, e consigo ver por onde ando, observando o meu caminho. Então, comecei a perceber que o elemento “pé” está bastante presente nos trabalhos artísticos e acabam aparecendo de uma forma ou outra, em diferentes desdobramentos.

A presença do mapa, em meus trabalhos, está atribuída ao ato de caminhar física e/ou imaginativamente. A imagem do mapa me agrada: ela me faz viajar visualmente por diversos lugares e a sua maneira representativa cria caminhos interessantes graficamente. Realizei a publicação “Misture Bem” no início do curso de Artes Visuais, e nela relatei um livro de receitas macrobióticas com a cartografia dos mapas: realizei uma colagem com as receitas e recortes de um atlas. Ambas apresentam o ato de guiar algo, seguir um determinado caminho para alcançar algum resultado, tendo um ponto de início até a chegada de seu destino.



Misture Bem - 2011



Video Performance -2013

Em outro trabalho, usando a caneta preta, fiz desenhos sobre meus pés descalços em um fundo branco. Gravei a performance e acelerei a duração do vídeo para o total de 60 segundos. As linhas pretas passavam dos meus pés para o fundo branco no chão, unindo as linhas e criando movimento. Ao terminar o vídeo, fotografei meus pés em diferentes ângulos e posições, mostrando o desenho registrado na pele e na superfície do papel branco. As linhas simbolizavam uma representação imaginativa dos possíveis caminhos que percorro diariamente.

Em outro momento do curso, arqueei 65 imagens de pares de pés descalços de familiares e amigos. Algumas dessas fotografias foram as próprias pessoas que tiraram e me enviaram, já outras eu mesma tirei. Reuni todas essas imagens em um arquivo e imprimi em preto e branco no tamanho A4. Recortei os pés impressos e realizei várias experiências gráficas: coloquei os diferentes tipos de pés de forma espalhada e ampla em uma grande superfície lisa, e os fotografei, criando uma espécie de “estampa de pés”. O resultado me fez perceber uma nova forma, pois cada pé tinha a sua própria marca e desenho: suas identidades. O que mais me chamou atenção foi o da minha vó: eram nítidas as marcas da história presentes na pele, e o próprio pé tinha um formato físico bem diferente dos demais, devido ao uso de salto por muitos anos de sua vida. Cada pé tem sua história, cada um tem sua forma de marcar presença no cotidiano, cada um é cuidado de um jeito, e isso fica mais claro quando são comparados entre si.



Estampa de Pés - 2013

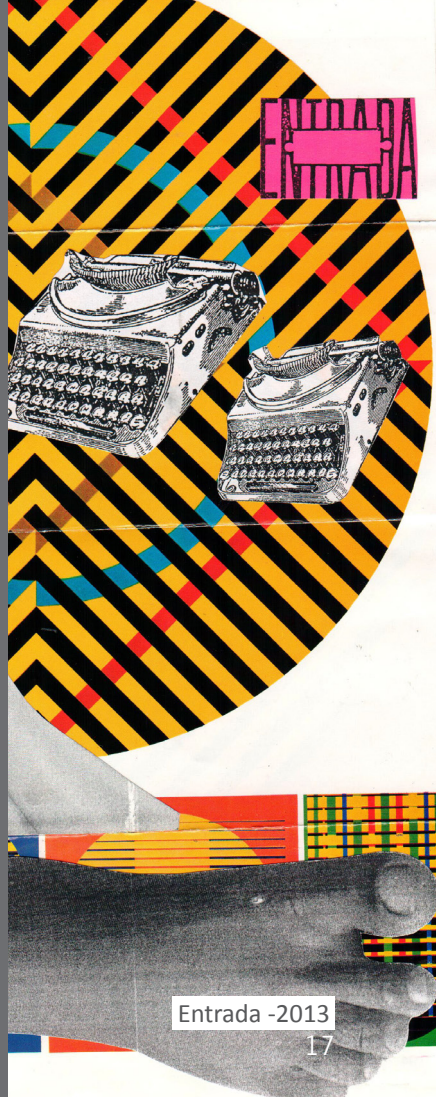


Pé Vó Cesita - 2013



Pé Davi - 2013

Continuei usando as imagens dos pés em outros trabalhos: fiz também uma publicação gráfica relacionada com caminhada e calçados. Alterei, em diferentes escalas de tamanho, os pés impressos, diminuindo-os bastante. A publicação se chamava “Entrada”, na qual trabalhei com colagens de revistas antigas. Nela, contei uma pequena história de um sujeito que andava descalço até uma loja para comprar um sapato. A história não é linear e foi contada com poucos elementos, em que o título retrata o ato de entrar em algum lugar, onde para se chegar é preciso caminhar, andar, e para isso os pés e os sapatos são importantes. A publicação foi feita em uma folha A4 dobrada em 4 partes iguais.



PAISAGEM COMO REGISTRO

ROTINA CAMINHANTE

[primeiros registros e ideias sobre os mapas de percurso]

“... o caminhante é aquele que dá um perfil a seu caminho, abre ou traça uma via. É ele que adapta o trajeto a um contexto, o constrói em função dos acidentes e das restrições no percurso, eventos ‘cantantes’ da progressão de suas viagens, e é quem inventa um ritmo a critério das vicissitudes de seu flunar.”¹

Caminhando, fui percebendo alguns mecanismos que me fizeram querer mudar minha rotina. Meu dia a dia estava muito repetitivo, um ciclo de atividades iguais durante os dias de semana. Queria criar uma motivação e, ao mesmo tempo, uma distração para continuar andando sempre pelas mesmas calçadas. Algo que me despertasse e me conectasse a um outro momento, criando uma sensação de novidade.

Durante meu dia passo pelos mesmos caminhos, praticamente indo e chegando aos mesmos lugares. Ao longo do tempo, comecei a notar que esse mesmo caminho percorrido diariamente, era único e ao mesmo tempo diferente. Apesar do trajeto continuar o mesmo, novos obstáculos urbanos surgiam a cada olhar e se transformavam durante o dia a dia: folhas de uma árvore que extrapolam de tamanho ultrapassando os limites e

1. DAVILA, 2002.

invadindo alguma casa; um carro saindo da garagem; uma mulher lavando a calçada; um novo sinal de trânsito; alguém perguntando as horas; um carro em alta velocidade avançando o sinal vermelho; sacolas de lixo empilhadas, dentre outros.

Comecei a reparar que essa diversidade de informações diárias me chamavam atenção, e vi que a “mesmice” da minha rotina estava se modificando. O simples ato de caminhar estava se tornando mais interessante quando eu reparava nessas situações. Durante um dia tranquilo eu observava a paisagem de uma forma mais bonita, leve, e conseguia ver o caminho, percorrido de maneira mais positiva. Isso já não acontecia quando eu estava com pressa e sem paciência: eu reparava no entulho de lixo no chão, nas calçadas de pedras complicadas e mal projetadas quando eu corria, etc. Era bem claro que eu observava o cenário de forma negativa e rápida. O meu estado de espírito alterava a minha percepção do ambiente, tornando-o novo a cada “caminhar”.

Observando a monótona rotina e vendo as suas possibilidades de variação durante o dia, percebi que quando meu olhar se tornava uma abstração desse cotidiano, nascia uma vontade de registrar essas diferentes formas de ver em um novo jeito, de criar registros diferentes para uma mesma situação diária, fazendo cada dia desse registro se tornar um novo, e assim por diante.

*“Para tentar chegar a essa construção total de um ambiente, os situacionistas criaram um procedimento ou método, a psicogeografia, e uma prática ou técnica, a deriva, que estavam diretamente relacionados. A psicogeografia foi definida como um ‘estudo dos efeitos exatos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que age diretamente sobre o comportamento experimental afetivo dos indivíduos’. E a deriva era vista como um ‘modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas.... A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade.”*²

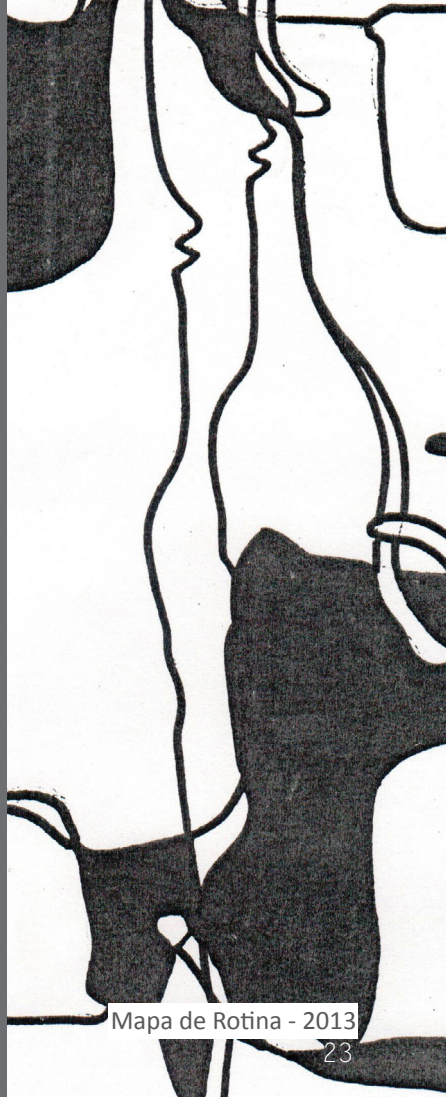


Em um folha de papel A4 branca, iniciei uma linha de registro do meu caminho percorrido. Em uma certa manhã a caminho da faculdade, fui transcrevendo meu caminho no papel linearmente com uma caneta preta: cada descida de um degrau, cada desvio de um canteiro, cada virada de esquina, e por assim em diante. Fui me envolvendo no percorrer da linha e, como o meu caminhar estava bem tranquilo e devagar, às vezes parava para ver o chão e não me desequilibrar, já que estava olhando somente para o papel. Minhas caminhadas, que eram físicas e reais, foram se tornando, a meu ver, também imaginárias, já que se tornaram também uma interpretação do deslocamento do meu olhar, e como transcrevo o andar para o registro gráfico. Durante esse registro dos deslocamentos andantes, fui percebendo que a linha gráfica ganhava a cada momento novas direções, como por exemplo, em uma simples rua reta que se transformava em 20 cm de linha com direções diversas. Realizei esse registro durante alguns dias, iniciando-o na minha casa (no bairro Ouro Preto) e indo até a Escola de Belas Artes da UFMG. Após vários dias, consegui reunir diversas linhas sequenciais e, com elas, nasceu uma vontade de continuar essa busca de transformação andante do meu dia.

Nessa mesma época, eu estava cursando a matéria de “Publicações Independentes” e a sala de aula tinha uma máquina de fotocópia para livre uso dos alunos. Então, utilizei-a como ferramenta para criar várias maneiras de documentar o meu “diário de rotina caminhante”.

Com essas diferentes fotocópias em mãos, e usando uma caneta preta para desenhar sobre elas, uni e contornei as linhas presentes, criando novas formas e preenchendo-as, gerando assim uma “abstrata imagem gráfica cartográfica”. As diferentes linhas de percurso, reunidas em uma só imagem, me levaram a percebê-las como um mapa de rotina. Um mapa com movimentos de linha, no qual existem direções, que guiam de um local até outro, e demarcações registradas de cada dia da minha semana.

O resultado me despertou a vontade de continuar esses registros utilizando novas técnicas, para assim criar novas maneiras de ver, criar outros olhares, e mudar minha rotina.



Mapa de Rotina - 2013

LINHAS MAPEADAS

[desenhos]

Durante o processo de pesquisa, fui realizando experiências com as fotografias de registro do chão. Ao observar as linhas de rachaduras, percebi que elas guiavam meu olhar, numa tentativa de seguir um caminho do tempo marcado naquela calçada: as linhas partiam de um ponto e chegavam a outro, e durante esse caminho, existiam diferentes direções lineares. Comecei a realizar desenhos sobre as fotografias em um papel vegetal, guiando as linhas apenas com um lápis. Ao retirar o papel transparente, foi possível visualizar melhor e perceber que a nova imagem tornava-se um registro mapeado. Mas ele por si só não fazia uma relação imediata com o piso, já que a imagem que estávamos acostumados a ver das calçadas não estava mais claramente à mostra. As linhas ganhavam novos olhares da história marcada e registrada no papel, mostrando as marcas de cada pequeno registro do chão e destacando seus trajetos lineares e singulares.

A artista Mayana Redin realizou um trabalho “Geografia de Encontros” que me agradou. Uma série de desenhos nos quais ela cria cartografias a partir da sobreposição de lugares e paisagens já existentes, onde ela coloca papéis transparentes desenhados sobre os limites das formas que definem os territórios. Dessa forma, os mais diferentes lugares se “aproximam”. Como por exemplo em o “Encontro entre Mar Negro, Mar



Encontro entre Mar Negro, Mar Vermelho e Mar Amarelo - 2010/2011



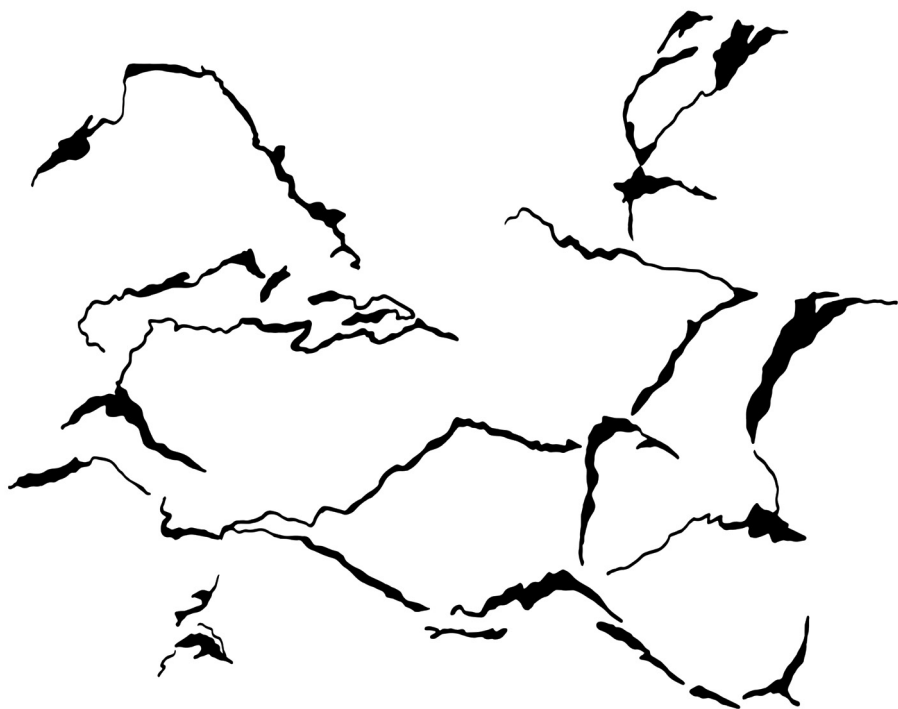
La Ciudad Luz - 2007

Vermelho e Mar Amarelo”, em que ela reúne esses três lugares, formando apenas um.

O artista Jorge Macchi é o criador de diversas obras relacionadas com a cartografia e o tempo. O Instituto Inhotim, localizado na cidade de Brumadinho, há uma obra de Macchi exposta: “La ciudad luz”. A obra também utiliza da superfície plana do chão como material, e o uso das sombras é uma característica marcante.

“O mapa, para Macchi, é a representação da cidade onde ele pode intervir diretamente [...] La ciudad luz (2007) brinca com a sombra que um mapa de Paris, a cidade luz, projeta sobre o outro, de tamanho maior, no chão.”³





CALÇADAS

[Variações do solo no ambiente, calçadas marcadas pelo tempo]

Com os mapas de percurso em mente, comecei a pensar e criar um novo jeito de demonstrar essa “rotina caminhante”; desde então, comecei a perceber detalhes da cidade em todos os caminhos em que eu andava com um olhar mais sensível e atencioso. Percebi que meu olhar direcionava-se para baixo, e comecei a ver que as diferentes calçadas por onde eu pisava provocavam a minha imaginação, me dando ideias de possíveis imagens gráficas. Fotografei várias situações, destacando as calçadas com formatos diferentes que me chamavam atenção: muitas delas são quebradas e deformadas; diferentes materiais são utilizados em conjunto e sobrepostas; as raízes das árvores ultrapassam o limite “horizontal” do chão; os canteiros apresentam formas variadas; as sombras das lixeiras estampam o chão com diferentes formatos; rachaduras no piso entram em conflito com os padrões geográficos; dentre outras diversas peculiaridades.

Percebi que o chão apresenta o seu percurso próprio: ele por si só caminha. Suas rachaduras guiam para algum lugar, unindo-se outras linhas e criando assim a ideia cartográfica de um mapa, no qual essas linhas saem de um determinado local, percorrendo e seguindo para algum outro lugar, em uma representação plana de um setor da superfície. O chão apresenta uma carga de história, já que várias pessoas passam e pisam por essa mesma área todos os dias. O tempo fez com que os



pisos sofressem mudanças, transformando-os em pisos diversificados: um local onde existe uma maior presença de pessoas circulando ou saídas de garagem de carros, provavelmente estará com mais rachaduras e rebaixamentos, por terem sido mais danificados. As calçadas sofrem “acidentes” rotineiros, sejam eles grandes ou pequenos.

A Family Boyle é um grupo de artistas, que criam obras em painéis de grande escala com superfícies terrestres, usando texturas do chão retratados, retratando-os de forma impactante e real. A maneira como eles mostram a superfície é diferente e única, pois deslocam a imagem do chão para um novo olhar, dispondo-o em diferentes formas.



Rock and Scree Series (1977)

*“Na palavra ‘earthprobe’ que os Boyles usam para descrever as suas apresentações de superfície é interessante. Para sondar é investigar penetrante; para examinar de perto. A sonda é um instrumento para explorar uma ferida... Os Boyles projeto ‘é uma espécie de exploração complementar do planeta Terra. Quando os astrônomos olham para cima, os Boyles olham para baixo [...] Em 1961 Yves Klein produziu uma série de “Relevos planetários”, que carregam uma semelhança temática curioso para earthprobes dos Boyles’. Earthprobes de Klein são mapas em relevo de grandes áreas da superfície da Terra, modeladas em gesso e cimento para que continentes inteiros, cordilheiras e oceanos formam uma espécie de resumo baixo-relevo, a despeito do fato de que eles se baseiam na realidade.... para a superfície da Terra é um trabalho conceitual épica de que cada peça é um fragmento.”*⁴

4. <http://www.boylefamily.co.uk/>



Calçada 4

32



Ao “arrumarem” as calçadas, as pessoas, em grande maioria, não apresentam preocupação alguma com a forma já existente: preferem acimentar e deixar o piso plano, para facilitar a locomoção dos pedestres e também por praticidade. Com isso, ocorre uma sobreposição de materiais ao longo do tempo, e a calçada inicial se transforma em uma nova forma de passagem. O desenho inicial se perde, as linhas originais somem e criam novas imagens, novos desenhos (não mais inteiramente geométricos, mas ainda assim marcados pelo seu tempo de uso) nascem.

Algumas calçadas apresentam uma malha geométrica, configurando uma “estampa urbana”. Percebi que alguns ladrilhos são padronizados e algumas calçadas são semelhantes. Observando-as, selecionei alguns módulos de calçadas que mais me chamaram atenção graficamente, e as coloquei em diálogo com diferentes organizações visuais, formando novas propostas e desdobramentos.

Nas calçadas com maior fluxo de pedestres, normalmente são encontrados os pisos táteis, também chamados de “pisos de alerta para portadores de necessidades especiais”. Esses pisos são diferentes dos demais em texturas, tamanhos e cores. Essa sinalização tem a função de guiar esses pedestres e alertar sobre os obstáculos no caminho. Durante meu

percurso, notei que várias calçadas já haviam instalado esse piso especial, porém perdiam a linha sequencial que mantinham, apresentando falhas. Mesmo sabendo da importância que os pisos táteis apresentam, pude perceber que o uso dessas sinalizações dentro de bairros não é tão frequente, e que é mais comum em avenidas ou ruas mais movimentadas, elas aparecem mais.



CALÇADOS

[Proteção e pés com chinelo]

*“Calçada- S. f. **1** Caminho ou rua revestida de pedras. **2** Caminho pavimentado para pedestres, quase sempre mais alto que a parte da rua destinada aos veículos, e geralmente limitado pelo meio-fio; passeio [...]*

*Calçado- adj. [...] **3** Toda peça de vestuário, feita, em geral, de couro, que serve para cobrir e proteger exteriormente os pés.”⁵*

Por mais que pareçam, as palavras “calçada” e “calçado” têm significados diferentes. Essa semelhança/diferença me levou a refletir sobre o poder poético e prático de ambas as palavras: a calçada protege os caminhos das cidades para os pedestres, para que não tenham que andar no asfalto das ruas junto aos carros, já o calçado protege os pés dos pedestres. Ambos revelam um mesmo e importante objetivo: a proteção.

Desde meus 17 anos tenho interesse por calçados: costumava desenhar sapatos como observação e criação, e também tinha o hábito de colecionar catálogos de lojas de calçados. Apesar de preferir andar descalça (por gostar de sentir meus pés livres), costumo usar chinelos fora de casa (já que é a maneira mais próxima de ter essa sensação). Mas ao mesmo tempo tenho um encanto pelo objeto “sapato”. Acredito que as

5. HOLANDA FERREIRA, 1986.

peculiaridades dos sapatos (como estilo, cor, tamanho) dizem muito sobre seus donos, pois mostram o seu estilo de vida, como uma identidade. Por isso, realizei um curso de desenho de calçados na UFMG, como curso de extensão, o que só aumentou meu interesse pelo assunto.

Com o tempo fui percebendo que a maioria dos meus trabalhos tinham algo em comum, tinham uma importante ligação, como se saíssem de um mesmo mundo de ideias: de uma forma ou outra, eu criava interligando, “pés”, “calçados”, “mapas” e “deslocamentos”.

Praticamente todos dos dias realizo minhas caminhadas usando chinelo. Esse mesmo calçado já foi usado como objeto de criação para os Los Carpinteros: um coletivo de arte, fundado no ano de 1991 em Havana, que realizou uma obra em um chinelo de borracha. “Sandalia” consiste em um par de chinelos que, através de alto relevo, apresenta um mapa de uma cidade em sua parte superior, ou seja, uma cidade móvel. A obra remete a uma reflexão a respeito dos espaços em que convivemos e da forma que convivemos e da forma como deles usufruirmos.



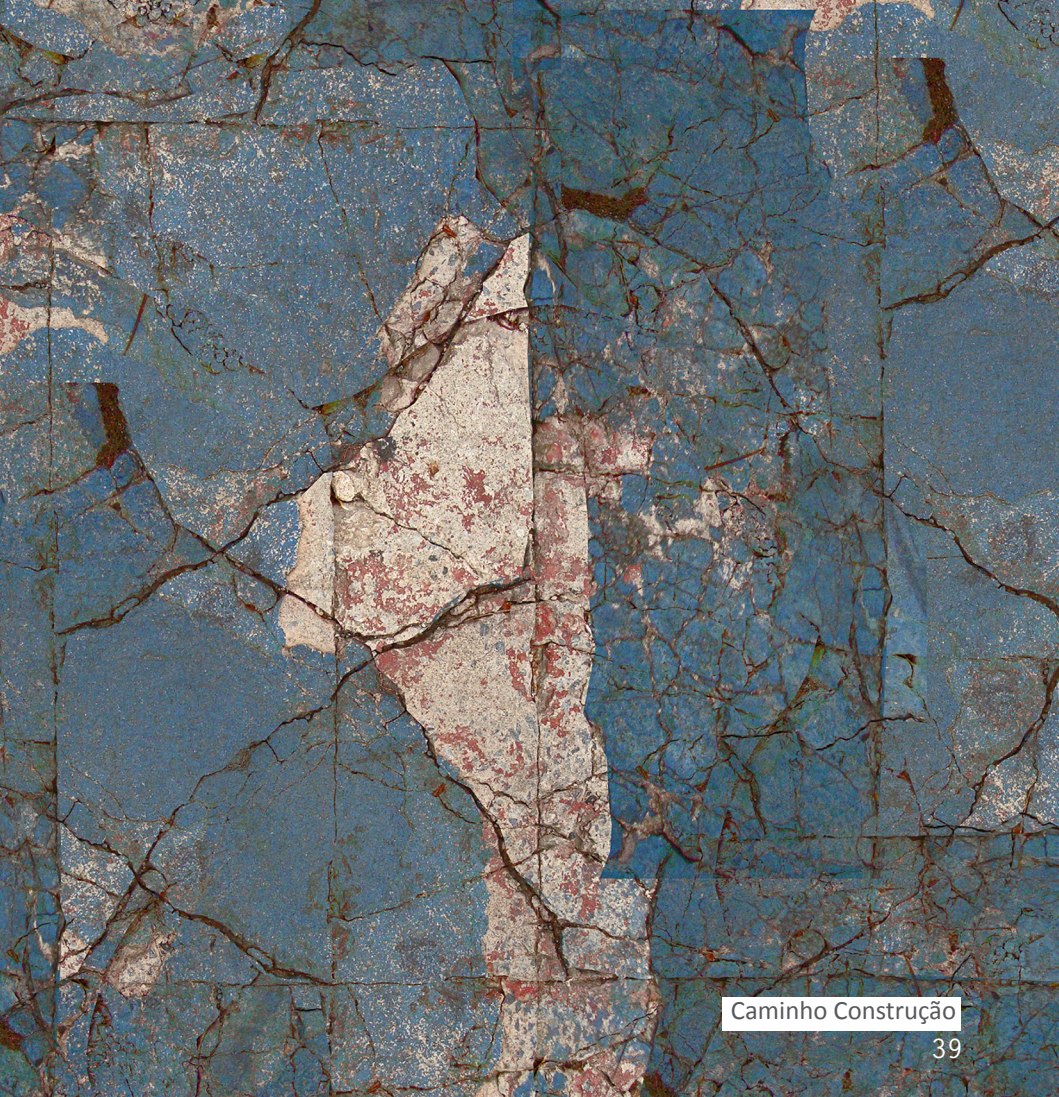
Sandalia -2004

PISOS GRÁFICOS

[Imagens criadas digitalmente a partir das fotografias das calçadas]

“Assim como a pele revela dados vitais sobre o corpo, as superfícies da cidade nos revelam também a vitalidade desse corpo social. As superfícies urbanas formam a camada epitelial da cidade. A pele da cidade é formada por seus suportes característicos e por intervenções vivas nesses materiais. Ações com finalidades estéticas e ideológicas ou, simplesmente, marcas da relação homem e cidade. Desenhos na superfície – marcas do acaso – convivendo com o design de superfície, estruturas visuais projetadas que interferem de forma intencional na superfície urbana. Ao percorrer essa extensão de tecido urbano é perceptível um corpo vivo, elástico, flexível, tonificado, mas também machucado, desgastado, envelhecido e enferrujado.”⁶

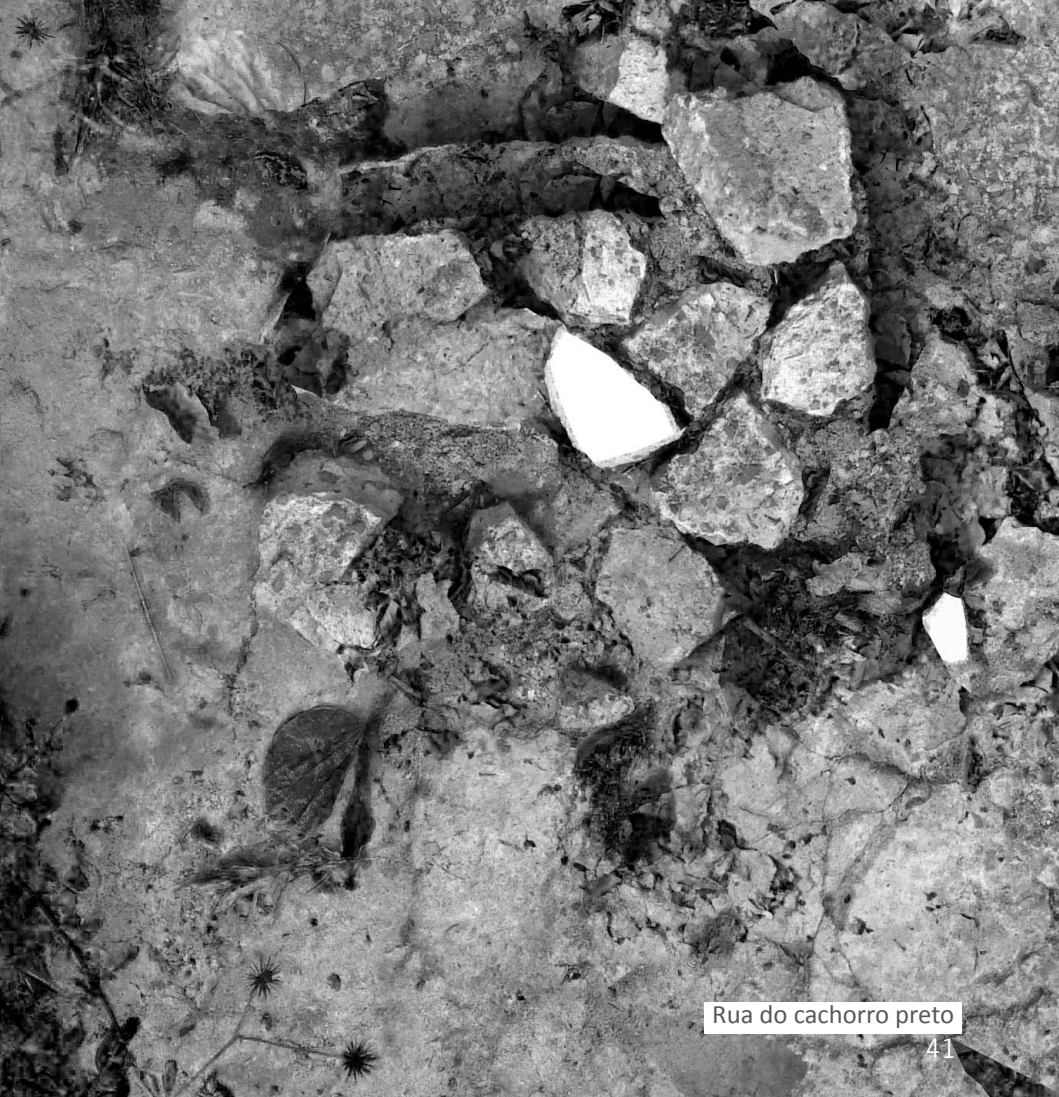
6. MACIEIRA; PONTES, 2007.



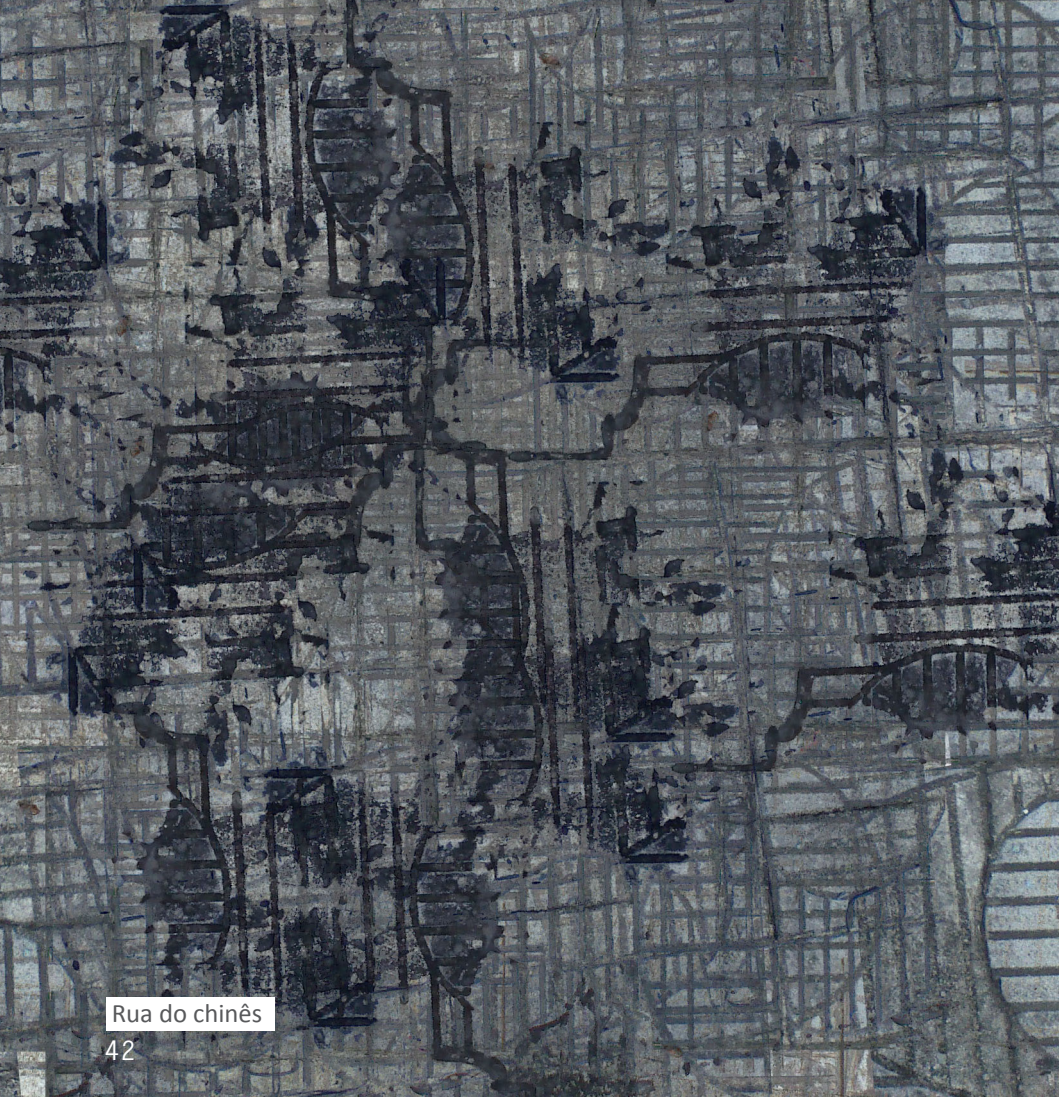
Minha experiência sensorial e prática durante a realização da pesquisa possibilitou, através de diferentes desdobramentos, o meu “despertar” para novas maneiras de representar meus deslocamentos. Como já citei anteriormente, meu interesse foi mais voltado para o chão, suas peculiaridades e o que sua riqueza de detalhes representam. O chão por si só caminha, se desloca e guia o seu próprio caminho mapeado.

Registrei as calçadas fotograficamente, agora percorrendo novos caminhos dentro do mesmo bairro, até o mesmo destino. Dessa forma, foi possível observar novos detalhes e novos elementos: rachaduras, cores, texturas, materiais diferentes.

Durante o processo criativo, fui registrando variáveis do mesmo piso que fotografei, mas representando-o de forma diferente. Cada nova etapa da imagem apresenta uma diferente composição, dessa forma, cada uma tem o seu registro único. Assim, a matriz inicial, mesmo que apresentando elementos iguais, se transforma gradativamente, tornando possível outras interpretações: recortando, colando, sobrepondo cada parte da fotografia, modificando o destino real das linhas marcadas pelo tempo de uso do chão, etc. As novas imagens criadas ultrapassam o limite “horizontal do chão”, perdendo a imagem inicial de calçadas e tornando-se também imagens gráficas. Elas agora também representam as fotografias de registro da minha rotina pessoal, ganhando neste momento liberdade e um novo olhar.



Rua do cachorro preto



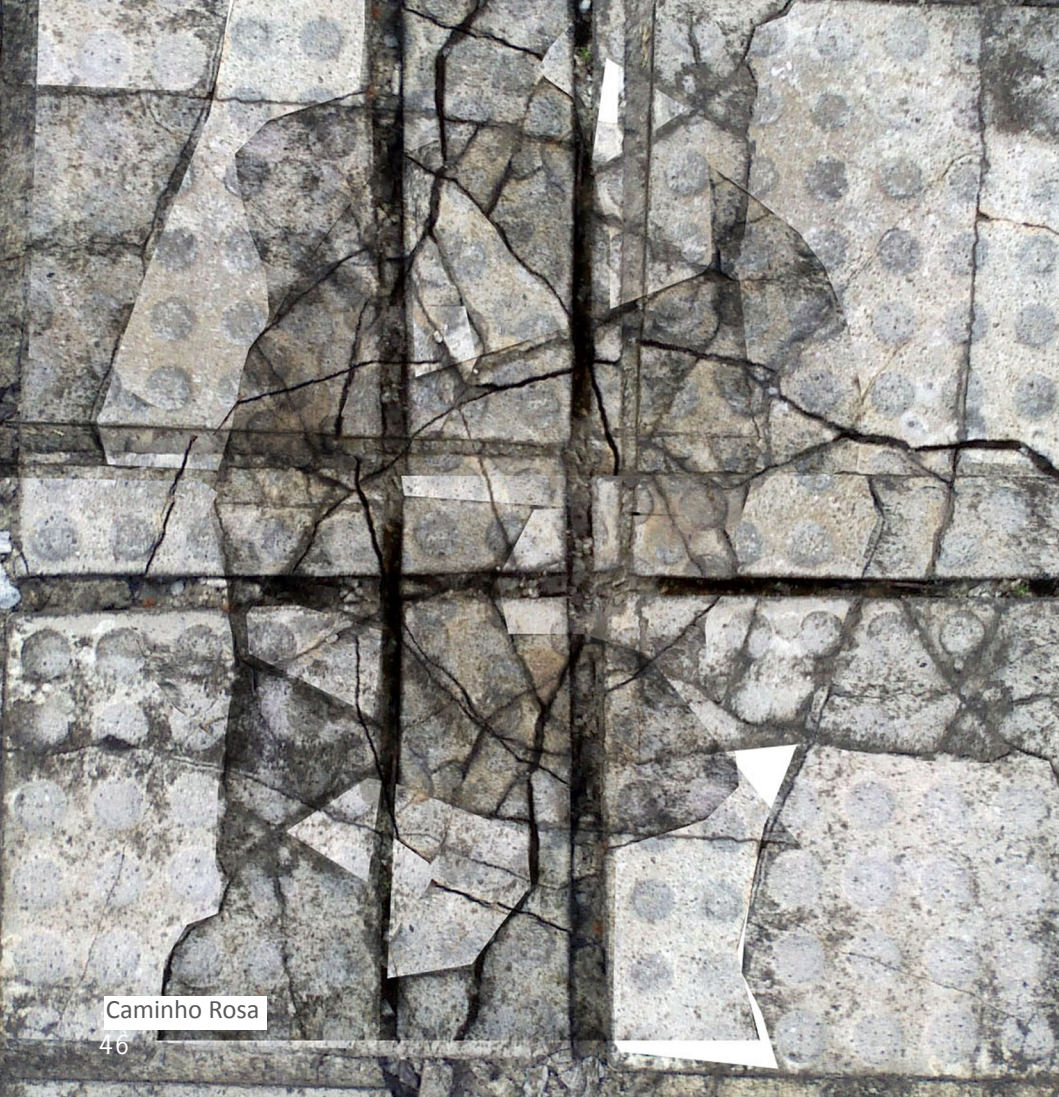
Rua do chinês





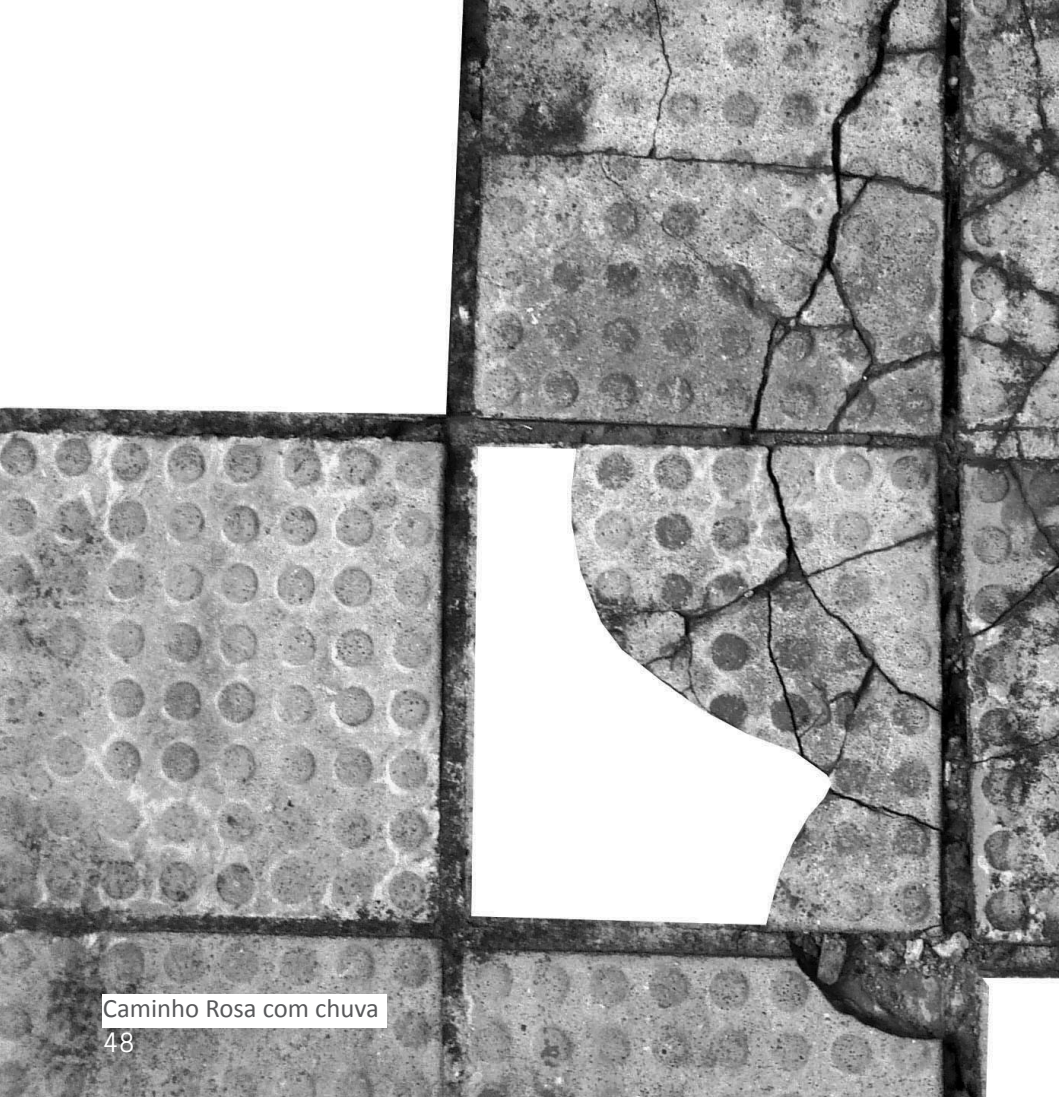
Caminho Cesita ao meio dia



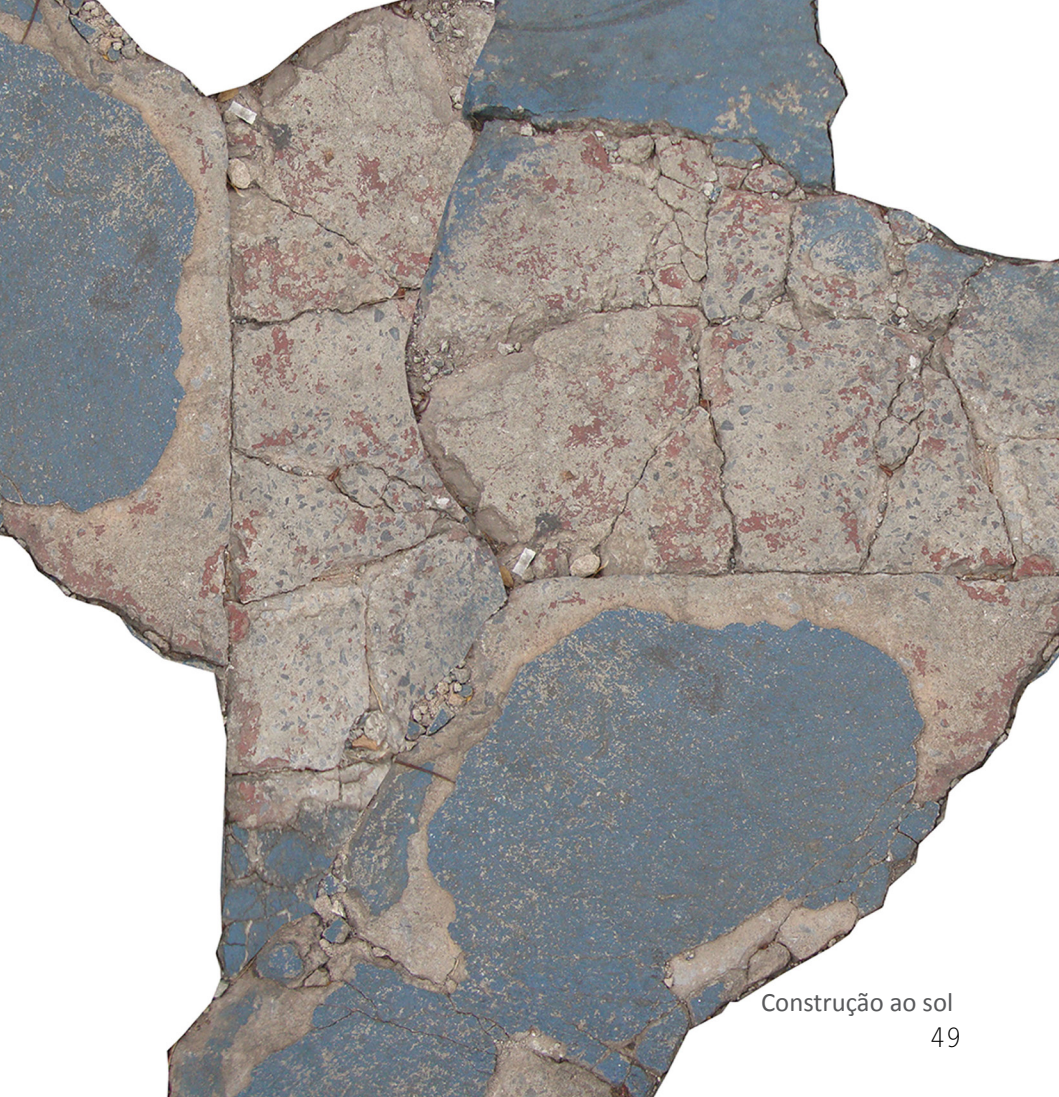


Caminho Rosa

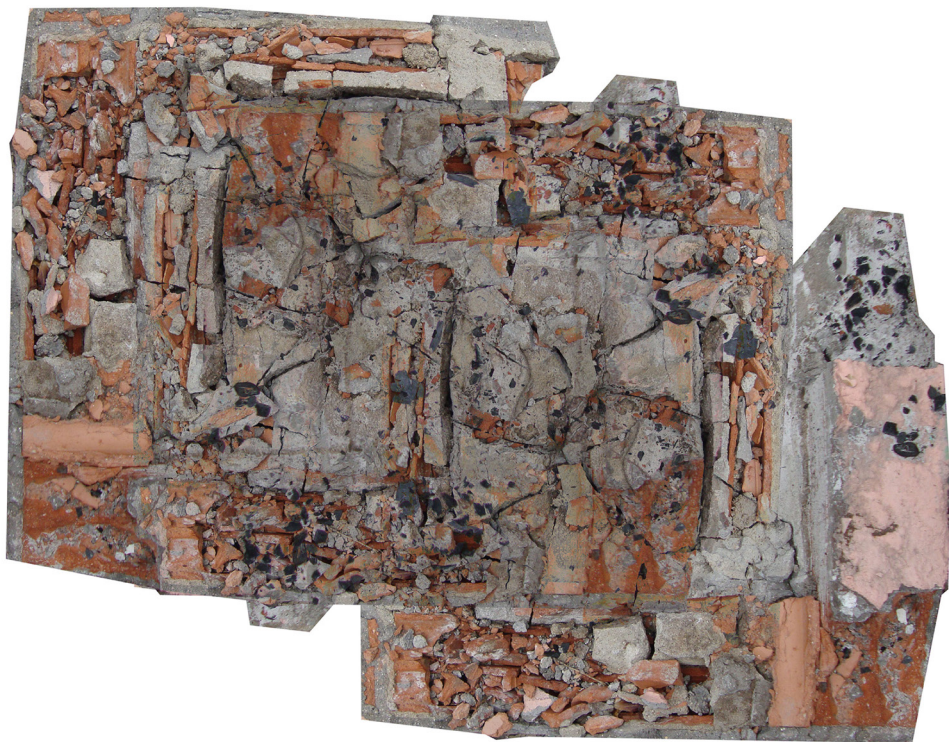




Caminho Rosa com chuva



Construção ao sol



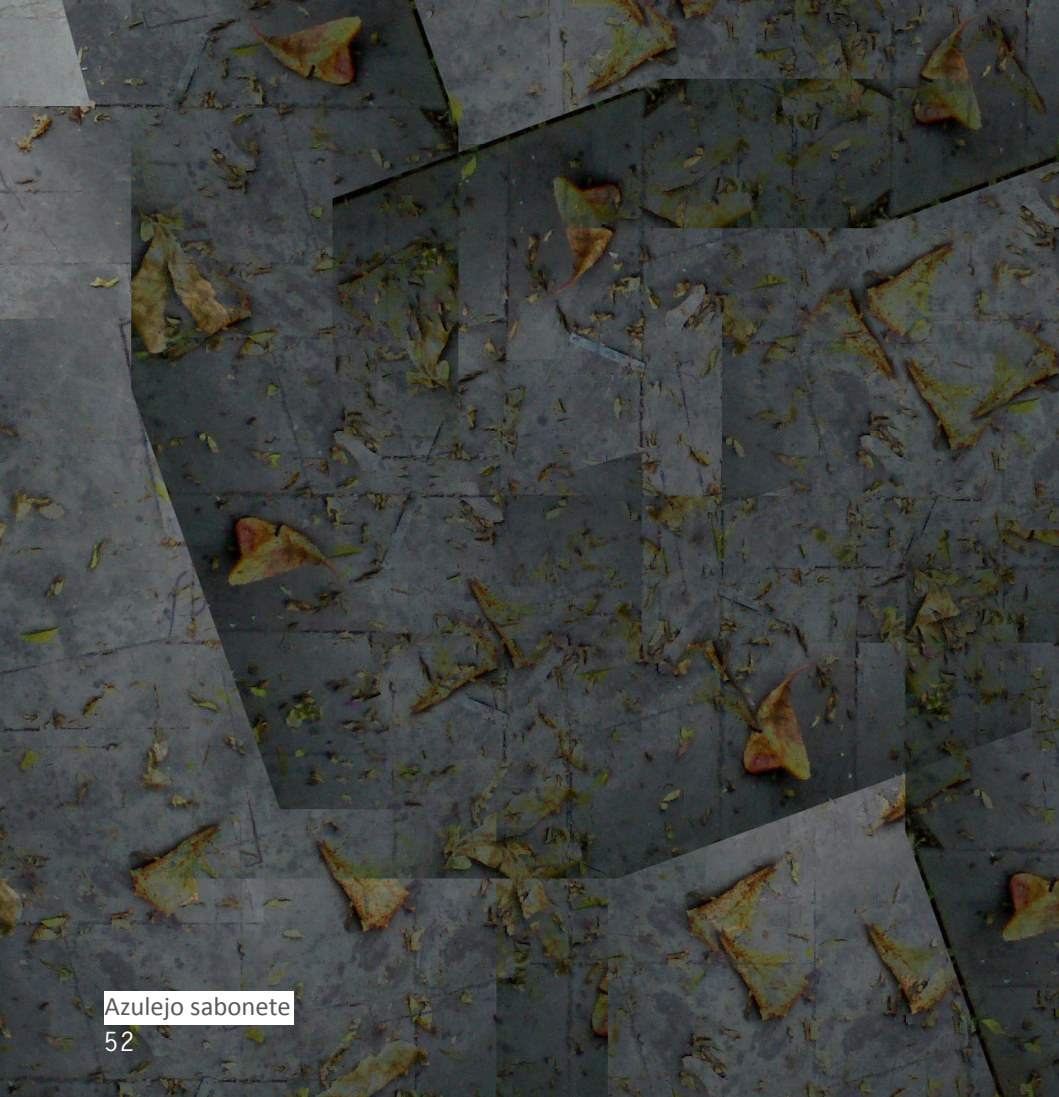
Rua do tropeço

50



Caminho Movimento

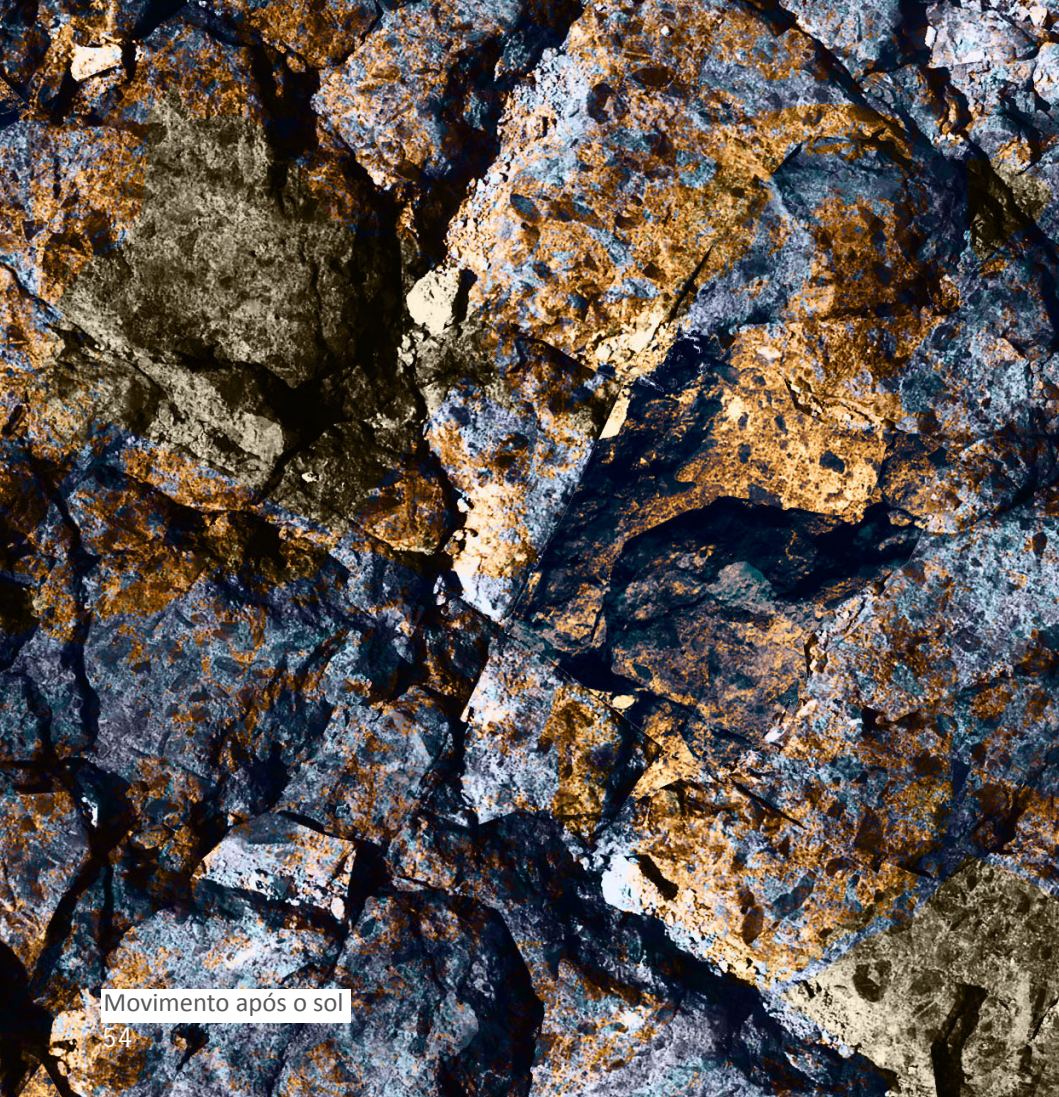
51



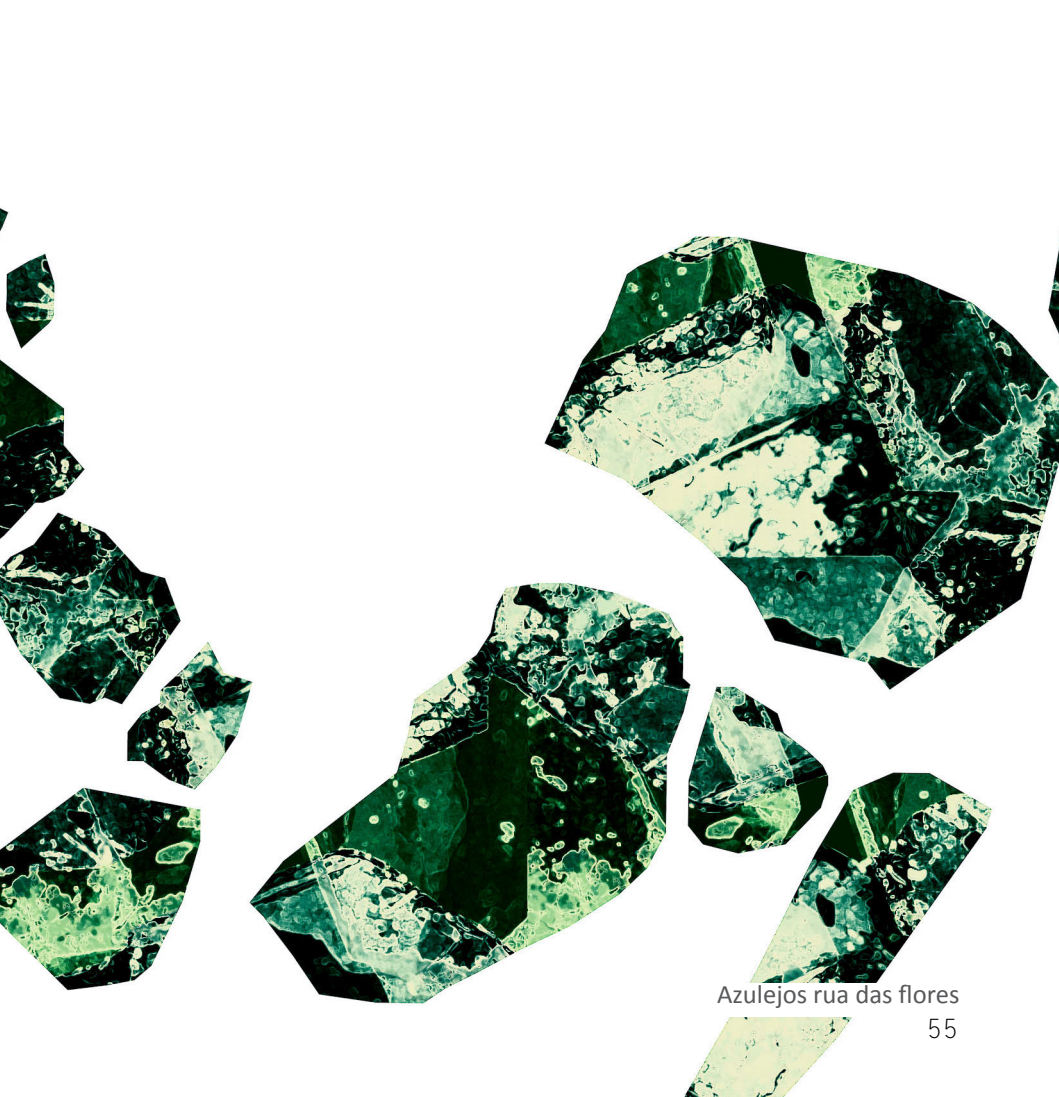
Azulejo sabonete



Rua do Posto na esquina



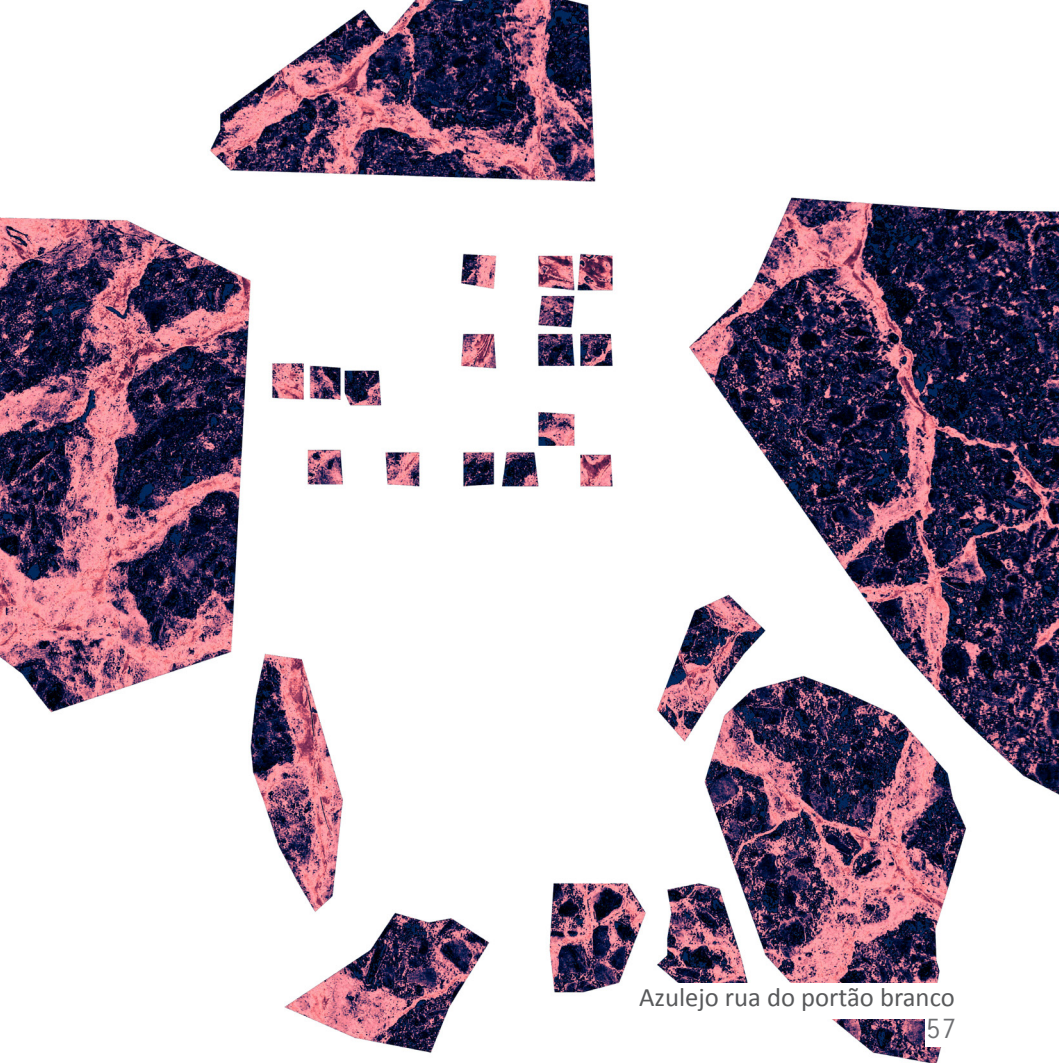
Movimento após o sol



Azulejos rua das flores

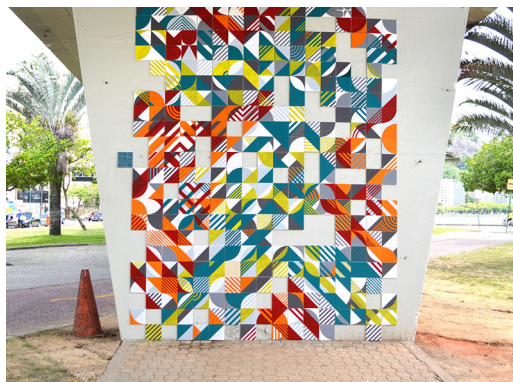


Caminho silencioso



Azulejo rua do portão branco

O Coletivo Muda é um grupo de artistas que criam instalações urbanas a partir de painéis compostos por módulos em azulejos nas cidades. Eles colocam os painéis de modo que dialoguem com o local instalado, interferindo e integrando na rotina das pessoas que passam naquele lugar, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. É uma maneira diferente de contribuir visualmente com a cidade, criando um ambiente interessante. Revitalizando lugares da cidade que antes passavam despercebidos ao olhar, deslocando o campo urbano do tradicional e possibilitando uma visão da cidade. Tive a oportunidade de ver um desses trabalhos no Rio de Janeiro, perto da Lagoa Rodrigo de Freitas, no qual as cores e as formas geométricas usadas são atrativas.



MUDA - Lagoa Rodrigues de Freitas , RJ -2012

Durante a “Mostra de Graduação em Artes Visuais” da EBA/UFMG de 2014, realizei a obra “Piso”, no qual foram expostas 12 imagens (15cmX15cm), dispostas em uma parede, cada uma em um quadro emoldurado por madeira e vidro. Organizei as imagens dos pisos gráficos de modo a possibilitar um diálogo entre elas criando uma composição visual harmônica.



Piso - 2014

ESTAMPA ANDANTE

[Fotografias, corpo e imagem]

Ao expandir a imagem dos pisos gráficos em um projetor, foi possível criar um desdobramento interessante: a imagem ganhou um novo e maior tamanho, ampliando sua “capacidade territorial”, sua participação no ambiente. Então, centralizei o foco do projetor em uma superfície branca e coloquei meus pés descalços diante da imagem. Dessa forma, meus caminhos percorridos e registrados nos pisos gráficos estamparam-se em meu corpo, como se cada dia da minha rotina estivesse inscrita em meus pés. O elemento “pé” simboliza meu corpo em deslocamento, e diante a união dos pés com as imagens gráficas, o resultado é um olhar sensível da minha “rotina caminhante”.

O uso do pé descalço, sem os chinelos, criou uma imagem forte, onde a presença do corpo sem proteção desperta uma sensação maior de união e relação de intimidade com as imagens. A pele marcada representa o sentimento físico e poético da “eternidade” do meu ato de caminhar: sempre percorrendo caminhos e mais caminhos.



Pé estampa - 2014

BIBLIOGRAFIA

MACIEIRA, Cássia; PONTES, Juliana (orgs). **Na rua:** pós-grafite, moda e vestígios. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2007.

BERENSTEIN, Paola. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DAVILA, Thierry. **Marcher, créer. Déplacements, flâniers, derives dans l'art de la fin du XXe siècle.** (Caminhar, criar. Deslocamentos, flanagens, derivas na arte do fim do séc. XX). Tradução: Sávio Domingos Reale. Paris: Editions du Regard, 2002.

HARMON, Katharine. **The map as art:** Contemporary artists explore cartography. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

Los Carpinteros. **Cartografías Contemporáneas**. Disponível em :
<<http://www.loscarpinteros.net>>. Acesso em: 03 Set. 2014.

Mayana Redin. **Geografia de encontros**. Disponível em:
<<http://mayanaredin.blogspot.com.br>>. Acesso em : 04 Maio 2014.

Boyle Family. **Earth Pieces**. Disponível em:
<<http://www.boylefamily.co.uk>>. Acesso em : 04 Maio 2014.

Jorge Macchi. **La ciudad luz**. Disponível em:
<<http://www.jorgemacchi.com>>. Acesso em: 10 Maio 2014.

Inhotim. **Jorge Macchi**. Disponível em:
<<http://inhotim.org.br>>. Acesso em 10 Maio 2014.

Coletivo Muda. **Muda da saudade**. Disponível em:
<<http://coletivomuda.com.br>>. Acesso em: 01 Set. 2014.



Calçada 6

